

ENSINO DE LÍNGUAS NA EDUCAÇÃO PROFISSIONAL: OS CONFLITOS HISTÓRICOS E OS DESAFIOS EM SALA DE AULA

Sueli Correia Lemes Valezi¹

RESUMO: Neste artigo, faz-se um rápido percurso sobre a história do ensino técnico e tecnológico do CEFET-MT e apresenta-se uma reflexão sobre como as mudanças constantes vividas pela instituição têm influenciado o ensino de Língua Portuguesa nos cursos ofertados por ela. Diante das constantes transformações impostas pelo MEC e atendendo ao novo paradigma de ensino de Línguas, balizado pela Teoria dos Gêneros Discursivos, apresentam-se experiências atuais desenvolvidas na instituição, instigando os professores a implementarem uma proposta pedagógica cujo foco seja o uso efetivo da língua, a fim de atender às demandas discursivas na educação profissional.

PALAVRAS-CHAVE: Educação Profissional, Ensino de Línguas, Práticas Pedagógicas

THE TEACHING OF LANGUAGES IN THE VOCATIONAL EDUCATION: THE HISTORICAL CONFLICTS AND THE CLASSROOM CHALLENGES

ABSTRACT: This paper presents a brief historical overview on vocational and technological teaching at CEFET-MT. It also presents a reflection about the institutional changes over time and how they have influenced the Portuguese language teaching in its courses. Considering the several modifications imposed by the Ministry of Education and Cultures (MEC) and complying the new language teaching approach, based on the Theory of Genres of Discourses, we describe recent experiences at the institution and we instigate teachers to implement a pedagogical methodology focused on the effective language use in order to answer the discursive demands on the vocational education.

KEYWORDS: Vocational Education, Language Teaching, Pedagogical Practices

¹ Mestre em Estudos de Linguagem pelo McEL/UFMT, Professora de Língua Portuguesa do CEFET/MT.

Introdução

O ensino técnico e tecnológico tem despertado bastante a atenção do Governo Federal nestes tempos de crescimento econômico. Da mesma forma como a educação profissional teve sua importância em outras épocas da história do Brasil, devido à ânsia e à necessidade de capacitar a mão-de-obra para atender às empresas, hoje tal fato se avizinha novamente e desperta os olhares de instituições que querem continuar atendendo à formação profissional sem perder seu espaço na sociedade e sem sofrer danos ao seu sustento financeiro para continuar com seu *status* de excelência no ensino. Esse é o caso das Instituições Federais de Ensino Técnico e Tecnológico que hoje são conhecidas, principalmente, pela sigla de CEFET (Centro Federal de Educação Tecnológica).

Diante desse cenário de lutas ideológicas em cujas ações políticas sobressaem aquelas que visam unicamente à permanência de alguns no poder, impõem-se reformas e mais reformas governamentais, sem abrir espaços para a reflexão e construção de ações educacionais que atendam à formação humana e profissional de forma satisfatória. Criam-se momentos de discussão, mas eles não são suficientes para a efetiva mudança nas concepções do ensino por parte dos servidores de um modo geral.

Com o objetivo de compreender um pouco mais o quadro educacional vivido pela instituição, apresento, inicialmente, um percurso histórico sobre a educação profissional no Brasil e em especial no CEFET-MT. O objetivo é mostrar como as constantes mudanças têm influenciado o currículo e as áreas do conhecimento dos cursos. Destaco, aqui, a disciplina Língua Portuguesa, por ser ela o foco das pesquisas que venho desenvolvendo desde o período de Mestrado, com um olhar para as práticas pedagógicas voltadas para as habilidades de leitura e escrita que atendem às demandas de formação acadêmica e profissional dos nossos alunos.

1. Um breve histórico da instituição – lócus da pesquisa

As escolas técnicas federais no Brasil, desde a sua criação, objetivou atender à formação profissional dos cidadãos. E, assim, conforme a demanda tecnológica das empresas cresce em decorrência da modernidade, o Governo Federal vai criando novos modelos, buscando sintonia com os novos discursos do mercado de trabalho.

Quando foi instalada em Cuiabá, a instituição recebeu o título de “Escola de Aprendizizes Artífices de Mato Grosso”, em 1909. No percurso histórico da instituição, vários outros nomes foram sendo dados de acordo com a implantação dos novos modelos. Recebeu, em 1937, o título de “Liceu Industrial de Mato Grosso”; em 1942, passou a ser chamada de “Escola Industrial de Cuiabá”. Já em 1965 era conhecida por “Escola Industrial Federal de Mato Grosso”, alterada em 1968, para o seu nome mais conhecido: “Escola Técnica Federal de Mato Grosso”. E, finalmente, com o decreto presidencial de 19 de agosto de 2002, teve o nome mudado para CEFET-MT.

Mais uma proposta de mudança está em curso nos discursos governamentais: a transformação dos CEFETs em IFETs – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia. O novo modelo do MEC é resultado do Plano de Desenvolvimento da Educação (PDE) e os novos IFETs integrarão os Centros Federais de Educação Tecnológica, as Escolas Técnicas e as Agrotécnicas Federais.

As mudanças propostas pelas constantes resoluções do Ministério da Educação revelam as coerções sincronizadas com o perfil do mercado de trabalho de um capitalismo global irrestrito. Entretanto, os professores, em especial, vêem-se inseguros quando convocados a assimilarem um novo modelo. Surgem diversos conflitos de vozes que vão construindo as práticas discursivas no espaço social da instituição. E isso certamente tem influenciado significativamente as práticas educacionais no cotidiano dos diferentes sujeitos que se relacionam no espaço interno e externo da sala de aula do CEFET-MT.

2. Metodologia

As análises e os resultados apresentados neste texto resultam de uma pesquisa interpretativa, por envolver dados e fatos de significação social. No período do Mestrado, a observação participante e as entrevistas semi-estruturadas foram essenciais para a coleta dos dados. A pesquisa reveste-se também de um caráter etnográfico, pois o processo de investigação tomou o pesquisador, primeiramente, em seu ambiente motivador, no caso o CEFET-MT, com o foco no ensino de Línguas nos cursos técnicos.

Nesse tipo de pesquisa, a atenção do pesquisador volta-se para o processo da pesquisa e não apenas para os resultados ou produtos. As práticas sociais, analisadas no processo em que ocorrem, são influenciadas pelas “regras” culturais, e vice-versa. E vão ressignificando contextos, promovendo, assim, mudanças constantes. (GARFINKEL, 1967 *apud* ERICKSON, 1990, p. 106).

Após o Mestrado, vi a necessidade de continuar o processo de investigação, pois constatei que as práticas pedagógicas relacionadas com as habilidades de leitura e escrita não estavam sintonizadas com o novo paradigma de ensino de línguas e, portanto, não atendiam às demandas de formação acadêmica e profissional dos nossos alunos. Essa constatação me fazia desejar ultrapassar a observação passiva das práticas discursivas dos sujeitos. Sentia-me impelida a promover ações concretas que pudessem reorganizar as práticas pedagógicas para a melhoria da qualidade do ensino na instituição.

Assim, recorri também à pesquisa-ação, pois ela é de aplicação prática, compreendendo que o processo de investigação não é mera observação, mas também ocasião para que mudanças nas práticas discursivas em torno da educação profissional do CEFET-MT e resultados efetivos sejam alcançados. (THIOLLENT, 2003).

Por esse motivo, criamos um grupo de pesquisa com os professores de Língua Portuguesa com o objetivo de promover um espaço de discussões teóricas e práticas sobre o ensino de línguas, a fim de implementar ações referentes ao processo de ensino-aprendizagem voltado para a formação

profissional desenvolvida nos diferentes cursos oferecidos pelo CEFET-MT. Com a criação do grupo, ações já foram implementadas e registro aqui algumas reflexões realizadas por meio delas.

3. Referencial Teórico

As práticas discursivas dos sujeitos participantes da pesquisa constituíram o objeto de análise e elas foram interpretadas sob a ótica da Análise do Discurso Crítica (ADC), proposta por Fairclough (2001).

Um dos motivos que me levaram a tal escolha diz respeito ao caráter militante de crítica ideológica assumida pela ADC e a possibilidade de o discurso contribuir para a transformação da sociedade e não apenas para a sua reprodução. Diante dessa vocação, a ADC focaliza, sobremaneira, as contradições patentes nas práticas discursivas que sinalizam que há mudanças em curso. Afinal, as “práticas discursivas em mutação são um elemento importante na mudança social”. (FAIRCLOUGH, 2001, p. 82).

Considero que analisar discursos seja uma atividade produtiva, pois, segundo Fairclough (2001, p. 91), “discurso é uma prática, não de representação do mundo, mas de significação do mundo, constituindo e construindo o mundo em significado”. Portanto, para a Análise do Discurso os sentidos são produzidos pelos sujeitos enquanto membros de uma comunidade social e discursiva.

Vejo, também, a Teoria dos Gêneros Discursivos como uma resposta adequada aos anseios da sala de aula e do ensino de Línguas. Compreendo que propostas pedagógicas devam ser organizadas em torno do eixo uso-reflexão-uso da língua portuguesa e que, para isso, é preciso tomar os gêneros textuais como objeto de ensino. Estabeleço, assim, um diálogo com autores como Dolz e Schneuwly (2004, p. 51). Para eles, “comunicar-se oralmente ou por escrito pode e deve ser ensinado sistematicamente”. Para isso eles propõem uma “seqüência didática”, ou seja, uma “seqüência de módulos de ensino, organizados conjuntamente para melhorar uma determinada prática de linguagem”.

4. Práticas discursivas no CEFET-MT – sentidos e história

4.1. Mudanças – gerando inquietações e conflitos

O CEFET-MT, como órgão federal de ensino, está sujeito às mudanças estabelecidas pelo Governo e em especial pelo Ministério da Educação e pela Secretária de Educação Profissional e Tecnológica. Entre as mudanças estão, em especial, a reconfiguração de seus antigos cursos técnicos ou criação de outros conforme a demanda socioeconômica e o surgimento de cursos de nível superior tecnológico.

As constantes mudanças geram dúvidas e preocupações entre os sujeitos-professores: “o que fazer agora?!”; “o que ensinar aos nossos alunos?”; “mal conseguimos nos adaptar a um modelo ou proposta curricular, e surgem novas mudanças?!”.

Como se pode observar, os sentidos que emergem na voz dos professores demonstram conflitos diante das imposições ditadas pelo MEC. Eles enunciam suas inquietações em relação às constantes transformações pelas quais a instituição vem passando, sem, contudo, proporcionar momentos para repensar conceitos enraizados historicamente e filiados, por exemplo, a saudosismo exacerbado como o do tempo do “Coronel²” ou de outros momentos áureos da instituição.

Tais inquietudes, incertezas e conflitos continuarão a existir, principalmente agora que a criação dos Institutos Federais de Educação, Ciência e Tecnologia já se efetivou politicamente. O Projeto de Lei nº 177/2008, proveniente da Câmara dos Deputados, foi aprovado pelo Senado Federal no dia 03 de dezembro de 2008 e seguiu para sanção presidencial. Portanto, o que nem se esperava que fosse acontecer neste ano, já está se tornando uma realidade entre nós, servidores e sociedade brasileira.

A logomarca do Instituto já foi criada, como se pode comprovar na imagem a seguir, e, de acordo com alguns

2 Quando os professores relembram o tempo do Coronel, fazem referência a um militar que exerceu o cargo de Diretor de Educação no CEFETMT e que deixou marcas de autoritarismo, mas também de competência e amor à instituição. É realmente uma figura histórica que se tornou mito na voz de muitos funcionários.

depoimentos, o Governo espera que o título de “Instituto Federal” se torne uma marca forte na mente dos brasileiros da mesma forma como é o das Universidades Federais.

Figura 01 – Logomarca do Instituto



Fonte: <http://portal.mec.gov.br/setec/>.

As mudanças têm marcado o quadro educacional da instituição e potencializado conflitos entre as áreas das disciplinas técnicas e as do núcleo comum. A pergunta “qual é a verdadeira vocação da instituição – formação técnica-profissionalizante ou formação geral do núcleo comum?” sempre emerge nos discursos dos sujeitos quando enunciam em defesa de sua área de atuação, evidenciando conflitos históricos.

No excerto a seguir, recortado de uma entrevista realizada no período da pesquisa de Mestrado, tem-se o discurso representativo da área técnica que defende a formação técnica como a verdadeira vocação do CEFET-MT. Pode-se observar, ainda, que a mudança do nome da instituição não foi assimilada por completo pelo professor.

“Nós somos uma Escola Técnica Federal de Mato Grosso, Centro Federal de Educação Tecnológica. Qual que é a essência dessa escola? Cursos técnicos, cursos tecnológicos. (...) alguns colegas do ensino médio às vezes entendem o contrário, acham que o ensino médio é que é... Não é, a essência da escola é técnica. Mas (esse conflito) sempre existiu, vai existir. Sempre existiu, sempre existiu. (...) (Entrevista - Antônio³, 28/02/2000)

O fenômeno da interincompreensão, empregado por Maingueneau (2005, p. 103), certamente tem se evidenciado nos discursos, ou seja, há “um desentendimento recí-

3 O nome do professor é fictício, com vistas a preservar sua identidade.

proco”, pois cada área tem seu “discurso fundado em uma grade semântica”. Cada um toma uma posição discursiva conforme o lugar de onde enuncia. E assim, a área técnica defende a formação técnica como a principal nos cursos e, do outro lado, o núcleo comum constantemente ergue a voz na tentativa de conquistar um espaço maior para trabalhar seus conteúdos nos cursos. Os professores de Português se enquadram neste segundo grupo.

Não há como negar que a vocação do CEFET seja a educação profissional, no entanto, é imprescindível que seja quebrada a lógica do “nós humanistas – eles tecnicistas”, pois se assim não for, estaremos fadados a diálogos que não passarão de conversas de surdo. Continuaremos reformando ao infinito, mas não mudaremos nada concreta e significativamente na instituição.

5. Ensino Profissional – desafios em meio a conflitos sociais, lingüísticos e históricos

A seguir, apresento dois sub-tópicos que contextualizam o quadro educacional a que os professores de Língua Portuguesa precisam se adaptar e adequar a sua prática.

5.1. Professores da área técnica e a concepção instrumental de língua

Considero importante registrar aqui algumas concepções de ensino de língua enunciadas nos discursos dos professores da área técnica. Tais sentidos foram evidenciados nas entrevistas que colhi por ocasião da pesquisa de Mestrado, entretanto, elas podem ser ouvidas constantemente pelos corredores da instituição, em conversas informais ou ainda em reuniões pedagógicas. O quadro a seguir apresenta as principais concepções.

Quadro 1 – As concepções sobre o ensino de Línguas

- “As habilidades lingüísticas têm como base o domínio do vocabulário técnico”
- “O ensino de Português deve ser direcionado às especificidades da profissão”
- “A Língua Portuguesa é responsável pelo ensino de metodologia científica”
- “O domínio da Língua Portuguesa passa pelo desenvolvimento da oralidade”
- “O professor de português é apenas um corretor ortográfico”
- “Oposição às leituras polissêmicas e implícitas em favor da leitura objetiva e monossêmica dos textos técnicos.
- “Escrever é um dom, poucos o possuem”.

Essas diferentes concepções acabam, muitas vezes, por se imprimir nas grades curriculares dos cursos. Muitos deles, em épocas passadas, foram criados sem a participação de um professor de Língua Portuguesa para auxiliar na escolha do nome da disciplina, na construção da ementa e da carga horária. Hoje há uma participação mais efetiva de professores do núcleo comum na elaboração de projetos de cursos novos, na reformulação dos que já existem e na criação das ementas.

5.2. Diferentes cursos – diferentes concepções de língua

Nos quadros a seguir faço um painel de como o ensino de Língua Portuguesa se configura nos cursos técnicos e tecnológicos da instituição. Não foram contemplados, nessa tabela, os cursos de Nível Médio Integrado em Informática, Secretariado, Turismo Regional e Meio Ambiente, pelo fato de eles, ao integrarem disciplinas técnicas ao antigo Ensino Médio, manterem o antigo nome da disciplina – Língua Portuguesa e Literatura Brasileira.

Quadro 2 – A disciplina de Língua Portuguesa nos cursos técnicos

CURSOS TÉCNICOS	
Telecomunicações	Habilidades de redigir relatórios técnicos e ler e interpretar textos técnicos.
Eletrônica	Língua Portuguesa Aplicada
Eletrotécnica	Língua Portuguesa
Técnico em alimentos	Redação Técnica
Edificações	Português Instrumental e Redação Técnica
Geomensura	Relatório Técnico
Turismo	Língua Portuguesa I e II

Quadro 3 – A disciplina de Língua Portuguesa nos cursos tecnológicos

CURSOS TECNOLÓGICOS	
Controle de Obras	Habilidades de Redigir Relatórios Técnicos, Ler e Interpretar Textos Técnicos, Redigir Carta Proposta Comercial.
Automação Industrial	Comunicação Oral e Escrita
Gestão Ambiental	Comunicação Lingüística.
Sistemas para Internet	Práticas de Linguagem
Redes de computadores	Comunicação e Expressão

5.3. Realidade lingüística dos sujeitos-alunos do CEFET-MT

O CEFET-MT, com os seus quase 100 anos de história, presenciou diversas mudanças sociais no seu corpo discente. Inicialmente foi criado para atender aos “pobres desvalidos da sorte”, ou seja, o ensino enquadrava-se numa política assistencialista do Governo Federal. Os alunos ingressavam na instituição para aprender uma profissão prática, como marcenaria, carpintaria, etc. e recebiam, ainda, auxílios na alimentação e no vestuário. Aprendiam a repetir mecanicamente o que os outros faziam e não a pensar sobre o que faziam.

Quando se transformou em Escola Técnica Federal de Mato Grosso, passou a receber alunos conhecidos como os

filhos da elite. Isso porque era considerada uma instituição de ensino médio que garantia qualidade na formação profissional para inserção no mercado de trabalho e também preparação para ingresso imediato na Universidade.

Com a criação dos cursos técnicos subseqüentes começaram a ingressar na instituição alunos que necessitavam de formação rápida, a fim de obter capacitação para o mercado de trabalho.

Vale a pena registrar as vozes que ecoam na fala de professores, quando fazem referência aos alunos da instituição nos diferentes períodos históricos em que ela viveu:

- “é muito fácil dar aula para a elite”.
- “a escola era melhor quando recebíamos alunos de nível social médio alto”.⁴

Na voz dos professores, reconhecem-se os diferentes grupos sociais dos alunos que a instituição recebeu. Ao mesmo tempo, percebe-se a avaliação positiva dos professores ao enunciarem sobre o período áureo vivido pelo CEFET-MT, quando era conhecido como ETF ou Escola Técnica. No nível do pressuposto, os professores enunciam também que preferem trabalhar com a “classe mais alta da população”, excluindo um dos propósitos essenciais da educação – o da inclusão social.

5.4. Novas tecnologias – novas linguagens

Com a transformação de Escola Técnica para CEFET-MT, foram implantados os cursos superiores de tecnologia. Surgiram, então, novos desafios ao ensino de línguas: a tecnologia da folha de papel, em suas diferentes cores, texturas e tamanhos, deixou de ser apenas o suporte para o texto. Hoje tem-se a tela do computador, onde são abertas “janelas” que podem ser consideradas semelhantes a folhas em branco ou páginas de livros, mas que exigem novas estratégias de ensino na prática do professor de línguas.

Se apenas se deseja ler os textos, não se tem acesso à materialidade da escrita no papel, mas da tela como su-

4 Os enunciados apresentados referem-se a registros de conversas entre professores ocorridas em momentos informais em que se discutia a instituição.

porte de um texto virtual, passível de alterações conforme o toque de um botão ou de um sensor. (RIBEIRO, 2005). E é nessa tecnologia de leitura e de escrita em que se está imerso hoje e não há qualquer possibilidade de ignorá-la. Se os suportes sofrem mudanças, os gêneros discursivos também são recriados pelo homem. A exemplo disso tem-se o e-mail que, concebido como uma variante da carta, passou a fazer parte do cotidiano das práticas sociais, cumprindo as mais diferentes funções de interação, sejam elas pessoais, comerciais ou oficiais.

5.5. Linguagem e Ensino – desafios e perspectivas

Diante deste cenário de novas tecnologias e suas linguagens com seus diferentes textos, suportes e formas, os professores sentem-se desafiados a reorganizar suas práticas pedagógicas para atender efetivamente às novas demandas de aprendizagem da escrita nos cursos de formação profissional, sejam eles de nível médio integrado, técnico subsequente ou tecnológico.

Como a formação sociocultural dos estudantes que hoje ingressam no CEFET/MT não é homogênea e muito menos “ideal”, é preciso articular as referências trazidas para a sala de aula e socializar aquelas que foram sistematizadas nas diversas disciplinas que compõem os currículos escolares. Como a prática da leitura e da escrita nem sempre está presente na vida desses alunos, principalmente em uma era em que as linguagens não-verbais passaram a ser as que prevalecem na leitura do cotidiano, enfrenta-se o desafio de fomentar essa necessidade entre eles. E isso não se consegue de imediato, é preciso que esse imperativo seja assumido por todos os professores das áreas da formação profissional específica de cada curso e também do núcleo comum. (GUEDES e SOUZA, 2001).

Considerações finais

O professor de português precisa organizar os conteúdos de sua disciplina de acordo com a nova proposta de ensino de línguas, nucleada pelo tripé das práticas (prática de produção de textos, prática de leitura de textos e prática

de análise lingüística), bem como de acordo com o eixo **uso** => **reflexão** => **uso**.

Considero, ainda, que a interdisciplinaridade seja uma proposta adequada para o ensino de línguas nos cursos técnicos e tecnológicos. Em atividades práticas, como ensaios e experimentos, é possível desenvolver um trabalho de leitura e de produção de textos da área específica do curso. Ao mesmo tempo em que se analisam os gêneros textuais comuns às práticas discursivas do mundo do trabalho, desenvolve-se o objetivo primordial do ensino de línguas: a competência genérica e o uso efetivo da língua em diferentes contextos profissionais.

Referências

ERICKSON, F. Qualitative Methods. In: LINN, R.L; ERICKSON, F. **Research in Teaching and Learning**. V. 2. New York/London: Macmillan Publishing Company, 1990.

GUEDES, P. C.; SOUZA, J. M. Leitura e escrita são tarefas da escola e não só do professor de português. In: NEVES, I. C. B. *et alli* (orgs.). **Ler e Escrever: compromisso de todas as áreas**. 4. ed. Porto Alegre: Ed. Universidade/ UFRGS, 2001.

FAIRCLOUGH, N. **Discurso e Mudança Social**. (Coord. Trad.) Izabel Magalhães. Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 2001.

RIBEIRO, A. E. Ler na tela – letramento e novos suportes de leitura e escrita. In: COSCARELLI, C.; RIBEIRO, A. E. (orgs.). **Letramento digital: aspectos sociais e possibilidades pedagógicas**. Belo Horizonte: Ceale; Autêntica, 2005.

SCHNEUWLY, B.; DOLZ, J. **Gêneros orais e escritos na escola**. (trad. e org.) Roxane Rojo e Gláís Sales Cordeiro. Campinas – SP: Mercado de Letras, 2004.

THIOLLENT, M. **Metodologia da Pesquisa-Ação**. 12. ed. São Paulo: Cortez, 2003.

VALEZI, S. C. L. **O ensino de Língua Portuguesa em cursos técnicos do CEFET-MT: o conflito entre as vozes dos professores**. Cuiabá –MT: UFMT, 2005. Dissertação (Mestrado em Estudos da Linguagem – MeEL), Instituto de Linguagens, Universidade Federal de Mato Grosso, 2005.